

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Correio Braziliense Class.: Amaz. / Internacional
 Data 17/08/93 Pg.: 7 121

Os Estados Unidos e a Amazônia

Richard H. Melton

Recentemente inúmeras histórias têm sido publicadas na mídia brasileira falando sobre os Estados Unidos e a Amazônia. Alguns dos artigos mais sensacionalistas contêm asserções sobre alegadas intenções dos Estados Unidos com relação aos recursos e ao território dessa importante região do Brasil. Tais alegações são fantasiosas e, normalmente, não merecem resposta. Mas, a sua persistência e a falsa percepção das intenções norte-americanas que elas podem provocar, se deixadas esquecidas, exigem uma resposta.

A Amazônia exerce um grande fascínio tanto para os brasileiros quanto para os estrangeiros. A expedição de 1914 do marechal Cândido Rondon e do ex-presidente Theodore Roosevelt ao longo dos afluentes desse grande rio conquistou a imaginação dos nossos países. Mais recentemente, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, focalizou a atenção mundial sobre essa região.

Em sua grande parte, essa atenção tem sido positiva. Ela tem ajudado a galvanizar um esforço global em apoio a um desenvolvimento sustentável. Conquanto haja uma compreensível impaciência em relação ao ritmo — particularmente entre os membros da comunidade das organizações não-governamentais — tem-se registrado um progresso inegável na execução da ambiciosa agenda estabelecida pela Eco-92.

Algumas pessoas no Brasil, porém, não se sentem felizes com essa atenção maior. Ouvimos comentários preocupados sobre uma possível "exploração estrangeira" da Amazônia. Esforços têm sido empregados para explorar esse medo — em detrimento das relações bilaterais. Gostaria de responder a algumas das asserções mais frequentes.

Mito — Os Estados Unidos, ao apoiarem os direitos dos povos indígenas, estão procurando minar a soberania e, enfim, o controle brasileiro sobre seu território nacional.

Realidade — A universalidade da proteção aos direitos humanos, expressa na Carta das Nações Unidas, foi recentemente reenfaturada na Conferência Mundial pelos Direitos Humanos em Viena. A preocupação com os direitos humanos — nos Estados Unidos, Brasil, Cuba ou qualquer outra nação — é legítima. Expressões de interesse baseadas em considerações sobre os direitos humanos são legítimas e deveriam

ser avaliadas por seus méritos. Esta preocupação não deveria ser mal-interpretada como invasão da soberania. Decisões sobre os povos indígenas, sejam ianomamis ou navajos, são da competência dos governos nacionais e dos próprios povos.

Mito — Os Estados Unidos, juntamente com outros países industrializados, querem "internacionalizar" a Amazônia.

Realidade — Tolice. As decisões soberanas sempre ficaram a cargo do Brasil. Porém, vivemos em um mundo mutuamente dependentes. A maioria dos problemas que enfrentamos, tanto o Brasil quanto os Estados Unidos, são globais em seu escopo. Promover os direitos humanos, proteger o meio ambiente e fortalecer o sistema de comércio internacional são apenas alguns exemplos que me vêm à mente. Longe de ser uma ameaça, a cooperação internacional com entidades brasileiras em apoio a uma agenda brasileira para a Amazônia — ou outras partes do País — é uma manifestação bem-vinda de um novo sentido de responsabilidade mundial compartilhada.

O Governo brasileiro está promovendo a implementação de um Programa Piloto do G-7 administrado pelo Banco Mundial que tem por fim o estabelecimento da base para o uso sustentável dos recursos naturais na Amazônia Brasileira. O governo dos Estados Unidos contribuiu para a formação do capital principal do programa e, a pedido do Governo brasileiro, garantiu uma ajuda de emergência a curto prazo para apoio estrutural a dois renomados centros de pesquisa científica na Amazônia — O Instituto de Pesquisas Amazônicas (Inpa) e o Museu Goeldi.

Mito — Os Estados Unidos procuram militarizar a Amazônia como parte da guerra contra o narcotráfico.

Realidade — Os Estados Unidos estão preparados para cooperar de forma tanto multilateral como bilateral na repressão do narcotráfico. Nós estamos fazendo isso no Brasil. Nossa cooperação com o Ministério da Justiça, a Polícia Federal e uma série de estados e municípios é significativa e contínua. Também trabalhamos em estreita ligação com o Programa de Controle de Drogas da ONU e outros esforços internacionais em marcha no Brasil. Todos nós precisamos fazer mais. É óbvio que a forma como a luta contra os traficantes é conduzida no Brasil e quais agências — civis ou militares —

devem ser empregadas, constituem decisões a serem tomadas pelos brasileiros.

Mito — Os exercícios militares nas "fronteiras" brasileiras têm propósitos sinistros e, portanto, representam um perigo claro e presente à soberania brasileira sobre a Amazônia.

Realidade — Treinamento de rotina é conduzido de tempos em tempos por elementos das Forças Armadas dos EUA com nações anfitriãs em virtualmente todas as áreas do mundo. A maioria desses exercícios é de pequena escala. O exercício em andamento da Guiana, por exemplo, envolve aproximadamente 130 membros das Forças Armadas dos EUA e o adido militar brasileiro em Georgetown foi convidado pela Força de Defesa da Guiana para observar o exercício. Autoridades brasileiras, civis como militares, foram notificadas por esta Embaixada antes desse e de outros exercícios na Guiana. Tal rotina de treinamento não representa nenhuma ameaça ao Brasil.

Mito — Os Estados Unidos, ao advogarem a expansão da proteção dos direitos de propriedade intelectual, procuram se apropriar de recursos da Amazônia em benefício próprio.

Realidade — O apoio dos EUA à forte proteção da propriedade intelectual deriva da nossa convicção de que tal proteção é importante para fluxos ordenados de investimento e comércio exterior respondendo às regras do mercado. A não ser que os produtos de pesquisa e criatividade sejam protegidos e recompensados, eles não serão traxidos ao mercado na abundância necessária. A Amazônia indubitavelmente detém grande potencial para a descoberta e a invenção em benefício de toda a humanidade. Dar proteção adequada aos produtos resultantes de inventos e de descobertas na Amazônia é, acima de tudo, um benefício para o Brasil e para os pesquisadores brasileiros destinados a trazer uma maior contribuição para o avanço da ciência na região.

Infelizmente, um mito repetido com tanta insistência frequentemente torna o lugar da própria realidade. Essa falsa realidade pode desviar a atenção dos problemas reais e, assim, minar seriamente os esforços que vêm sendo desenvolvidos para fortalecer as relações entre os Estados Unidos e o Brasil.

■ Richard H. Melton é embaixador dos Estados Unidos no Brasil